



Esculápio

vol 13 (2) mai/jul 2014

ORGÃO OFICIAL DA ACADEMIA BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA

XIII FIATE e reunião da ABR

Nos dias 10 e 11 de maio de 2014 foi realizado, em Campinas, o XIII FIATE (Fórum Interuniversitário de Atualização Terapêutica em Reumatologia) e o II Encontro Nacional da Academia Brasileira de Reumatologia (ABR). Foi uma realização da Academia Brasileira de Reumatologia, do Departamento de Reumatologia da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas e do Projeto EDUCOST (Educação Continuada em Doenças Osteoarticulares e Metabólicas).

A Academia Brasileira de Reumatologia, nessa gestão do Prof. João Francisco Marques Neto, realizou pela segunda vez uma reunião, inovando com a presença de 10 titulares de cátedras de Reumatologia, os quais participaram de um verdadeiro curso de atualização em mini palestras que serão depois transcritas e brevemente editadas nos Anais do site da Academia.

Nos trabalhos normais da ABR o acadêmico Fernando Neubart, do Rio Grande do Sul, fez uma Tertúlia (conferência cultural) sobre o tema “Os confins da Reumatologia”, onde, com verve e bom humor, associou a prática da Reumatologia com a citação de, inúmeros filósofos e escritores antigos e modernos, tendo como objetivo avaliar esses especialistas que cuidam de várias enfermidades crônicas e dolorosas. Os confins são os objetivos associados ao fato fundamental Hipocrático, ou melhor, ao fato que se não curar pelo menos sedar a dor.

Ao término da palestra, com belos slides, afirmou para a plateia presente que o tema não foi escolhido por ele e nem lembrou que Confins é o nome do aeroporto de Belo Horizonte, onde será o próximo Congresso Brasileiro da SBR e também o próximo da ABR.

Foram empossados dois novos acadêmicos o Prof. Ibsen Bellini Coimbra e Benedito José de Sampaio.

Foram empossados dois novos acadêmicos o Prof. Ibsen Bellini Coimbra e Benedito José de Sampaio.

Durante a realização do evento dois autores ingleses, Nigel Crisp e Lincoln Chen avisaram o editor do Esculápio que o mundo precisa de muito mais médicos e enfermeiros. E, pela procura de reumatologistas pelos convênios, parece que também existe falta desses especialistas no mercado. Leia mais na página 2.



Agora é Belô

O XXXI Congresso Brasileiro de Reumatologia, se realizará na cidade de Belo Horizonte, de 1 a 4 de outubro de 2014. A ABR terá um espaço amplo para sua reunião. Nessa ocasião, serão empossados novos acadêmicos.

ESCOLÁPIO

Orgão Oficial da Academia Brasileira de Reumatologia



DIRETORIA BIÊNIO 2013-2014

PRESIDENTE

João Francisco Marques Neto

PRESIDENTE ELEITO

Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro

SECRETÁRIO GERAL

Marco Antonio Rocha Loures

2º SECRETÁRIO

José Roberto Provenza

TESOUREIROS

1o. Antonio Carlos Ximenes

2o. Lauredo Ventura Bandeira

DIRETORIA CIENTÍFICA

Coordenadores:

Aloysio J. Fellet

Adil Muhib Samara

Membros:

Elizabeth Andrade Tavares (in memoriam)

Helenice Alves Teixeira Gonçalves

José Carlos Almeida Pernambuco

Fernando S. Cavalcanti

Geraldo da Rocha Castelar P. Filho

Wanda Heloísa Rodrigues Ferreira

Paulo Madureira de Pádua

José Marques Filho

CONSELHO DELIBERATIVO

Membros da Diretoria (ex-Presidentes)

Roberto Carneiro

Aloysio J. Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

Adil Muhib Samara

Geraldo Gomes de Freitas

Walber Pinto Vieira

MEMBROS CONSELHEIROS

Swami J. Guimarães

Elizia Fernandes Lima

Carlos Eduardo Cury

Geraldo Furtado

José Eduardo Gonçalves

BOLETIM ACADÊMICO

Conselho Editorial

José Knoplich

SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

Editado Pela Medgraf

(11) 3826-7805

EDITORIAL

Prezados amigos e confrades

Mais uma vez conseguimos realizar em Campinas, São Paulo, nos dias 9 e 10 de maio de 2014 o **Encontro Anual da Academia Brasileira de Reumatologia**, no qual reunimos as autoridades mais expressivas da Reumatologia Brasileira, provenientes das mais importantes universidades do Brasil (UNICAMP, USP-SP, UNIFESP, USP-Ribeirão, Santa Casa de São Paulo, PUC Campinas, PUC Sorocaba, UFRGS, UFRJ, UFGoiás, UF Tocantins, FAMEMA, UFCeará), além de outros colegas não universitários e de muita expressão nacional. Os temas foram abordados por relatores de muita experiência e, discutidos com competência e maturidade. Tudo dentro de um clima de absoluta e produtiva fraternidade, que aliando-se à alegria tem marcado as últimas reuniões da Academia.

O acadêmico Fernando Neubarth proferiu uma palestra magistral, *Confins da Reumatologia* com sua já consagrada cultura, competência e sensibilidade.

Tomaram posse como novos acadêmicos, o Prof. Ibsen Bellini Coimbra e Benedito José de Sampaio.

No Congresso Brasileiro de Belo Horizonte continuaremos a integração tão necessária entre a ABR e a SBR, mantendo-se, entretanto, a individualidade e as características de cada associação.

A tradicional Tertúlia da ABR antecederá a assembleia geral da SBR, já que deverá ser mais compacta. Presidida pelos acadêmicos Paulo Madureira de Pádua e Aloysio Fellet, além da posse de mais dois novos acadêmicos, o acadêmico Antonio Carlos Althoff proferirá a palestra oficial **Sobre o Amor**.

Além disso na programação oficial do Congresso constará a Mesa Redonda da Academia Brasileira de Reumatologia, presidida pelos acadêmicos Walber Pinto Vieira e Mário Newton L. Azevedo e abordando duas palestras de 30 minutos cada: 1. Impacto dos médicos estrangeiros na saúde pública do Brasil (acadêmico João Carlos Tavares Brenol), 2. ANVISA, o reumatologista e a indústria farmacêutica (acadêmico José Marques Filho). Dois assuntos da maior relevância e que incomodam muito a classe reumatológica.

A comissão científica e a presidência da Jornada do Cone Sul de Reumatologia em Gramado, de agosto de 2014, também foi sensível à necessidade de maior integração SBR e ABR e abriu em sua programação oficial espaço para uma mesa redonda da ABR onde se discutirão temas relacionados ao impacto da terapia biológica na Reumatologia Brasileira.

Toda essa linha de pensamento e atividades deverá ser prosseguida pelos próximos presidentes da ABR, os acadêmicos Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro e o Prof. Mário Newton L. Azevedo.

A todos os amigos acadêmicos, os quais com seu prestígio tornaram possível essa escalada de realizações da ABR, envio meus mais formais agradecimentos e afetuoso abraço.

João Francisco Marques Neto
Presidente da ABR



Alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS)

Existem 9,2 milhões de médicos e 18,1 milhões de enfermeiros em todo o mundo. Os Estados Unidos têm 8% dos médicos e 17% dos enfermeiros.

A Organização Mundial da Saúde ressaltou a alarmante escassez global de cerca de 4,3 milhões de médicos e enfermeiros, o que constitui um déficit de 15% do número total de médicos e enfermeiros, em todo o mundo. Estima-se que 57 países pobres estão enfrentando uma crise grave no que diz respeito a dispor de recursos humanos suficientes para atender às necessidades mínimas. Estes problemas são agravados pela migração dos profissionais locais. A OMS, pelo Código Mundial 2010 de Prática sobre o Recrutamento Internacional de Profissionais de Saúde, destaca essas questões, com o objetivo de trazer à consciência dos países mais ricos a importância de reduzir o recrutamento de profissionais nas nações mais pobres que têm escassez de trabalhadores da saúde.

N. Engl. J. Med. mar. 6, 2014; 370:950-957

USP cai novamente em ranking internacional de universidades

Bárbara Ferreira Santos

A Universidade de São Paulo (USP) caiu em mais um ranking internacional de universidades. Desta vez, foram ao menos 11 posições na lista que mede a reputação das instituições pelo mundo, publicada pelo Times Higher Education (THE), revista britânica que faz os principais rankings mundiais de ensino superior.

No ranking de reputação de 2014, a universidade ficou na posição 81-90, contra a posição 61-70 no ano passado. Na lista, as universidades são citadas por posição até o 50º lugar e, depois disso, enquadradas em grupos de dez até a 100ª posição.

Embora o desempenho da universidade tenha caído, a USP ainda é a única universidade da América Latina a ser citada. O ranking novamente apontou uma elite mundial de universidades dos Estados Unidos e do Reino Unido que ocupam as dez primeiras posições: Universidade Harvard, Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT), Universidade Stanford, Universidade de Cambridge, Universidade de Oxford, Universidade da Califórnia em Berkeley, Universidade Princeton, Universidade Yale, Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech) e Universidade da Califórnia em Los Angeles.

Logo em seguida, em 11º, aparece a primeira universidade de fora desses países, a Universidade de Tokyo, que no ano passado estava em 10º, no mesmo ranking.

Os Estados Unidos são, de longe, o país com mais universidades no top 100. Além de ocupar os três primeiros lugares, têm oito no top 10 e 46 no top 100. Dessas 46 instituições, somente 14 perderam posições.

O Brasil continua tendo apenas um representante, a USP. Quando se considera o desempenho dos países, apenas 20 foram citados no ranking, o Brasil está em penúltimo lugar e perde apenas para Israel, país que também só tem um representante, o Instituto de Tecnologia de Israel (Technion), que está nas posições 91-100.

Segundo o editor dos rankings do Times Higher Education, Phil Baty, o Brasil, embora tenha excelência nas pesquisas acadêmicas, tem uma “disseminação de pesquisas que parece estar limitada. Nossos dados sugerem que a USP não é bem reconhecida por sua pesquisa de excelência em locais estratégicos e importantes do mundo – especialmente no Leste da Ásia, por exemplo. Isso pode prejudicar a reputação internacional da universidade.” Por outro lado, explica Baty, esse ainda é um bom resultado para o Brasil. “Essa lista representa apenas 0,5% das universidades do mundo, e o Brasil tem uma instituição bem estabelecida entre uma pequena elite global. Outras economias emergentes, como a Índia, não tiveram nenhum representante”, diz. “Então, esse resultado para a USP pelo menos assegura que o Brasil tem uma poderosa bandeira nacional para atrair atenção mundial e construir oportunidades para o país e toda a região (América Latina)”, complementa.

Metodologia

O ranking de reputação foi feito com base na avaliação de 10.536 professores, pesquisadores, cientistas e intelectuais de 133 países ouvidos entre março e maio de 2013 pelo THE. É um ranking subjetivo, em que é considerada a opinião desses especialistas sobre as universidades. Entre os fatores que influenciam a citação das universidades, estão o número de pesquisas científicas, importância acadêmica em determinadas áreas, importância no cenário mundial e número de prêmios Nobel dados a ex-alunos e cientistas. Segundo a publicação, os acadêmicos que foram escolhidos, não podem se voluntariar para esse cargo e as instituições não podem “credenciar” alguém.

Rankings anteriores

A USP vem caindo em todos os principais rankings publicados em 2013 e 2014. No último levantamento da Times Higher Education (THE), que levava em conta as 100 melhores universidades do mundo, com critérios como número de pesquisas acadêmicas, proporção de professores para o total de alunos e aulas em inglês, a universidade perdeu posições em relação ao ano anterior, ou seja, saiu do 158.º lugar, em 2012, para a faixa entre o 226º e o 250º lugares, em 2013.

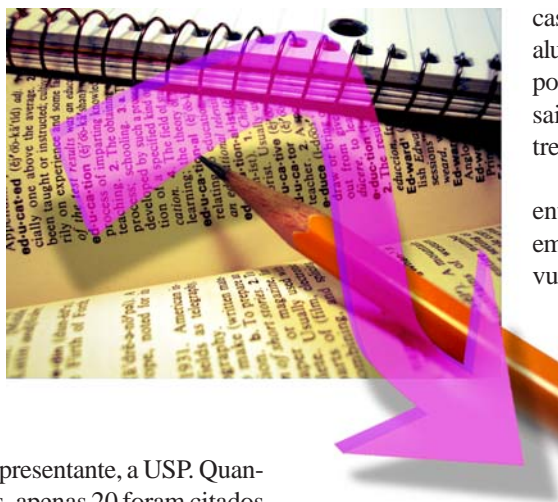
Nenhuma universidade brasileira aparece entre as dez melhores no ranking de países emergentes, também produzido pela THE e divulgado no fim de 2013. Novamente a mais bem colocada, a USP ficou na 11.ª colocação. Em outro ranking, o Quacquarelli Symonds University (QS) sobre universidades dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), ela aparece em 8.º lugar. Na comparação entre países, o Brasil tem a 3.ª posição, com 17 instituições entre as top 100, atrás de China, com 40, e Rússia, com 19.

Já no ranking geral do QS, a universidade aparece em 127º lugar e MIT, Harvard e Cambridge ocupam os três primeiros lugares, respectivamente.

USP

Segundo a USP, entre as ações voltadas para a internacionalização da universidade neste ano está a agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional, criada no último Conselho Universitário (CO) e que substituirá a Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais. A agência será dividida em três áreas: Relações Acadêmicas Internacionais, Relações Acadêmicas Nacionais e Mobilidade Acadêmica.

De acordo com a universidade, a agência terá como finalidade estabelecer estratégias de relacionamento entre a USP, instituições universitárias, órgãos públicos e a sociedade, para dar “suporte à cooperação acadêmica em matéria de ensino, pesquisa, cultura e extensão universitária, no âmbito nacional e internacional”.



Remédios: como e quem os toma

Quase um terço (32%) dos brasileiros que se automedicam, costuma aumentar a dose do remédio por conta própria, sem orientação do médico ou do farmacêutico.

É o que revela pesquisa inédita do ICTQ (instituto de pós-graduação para farmacêuticos) feita em 12 capitais do país. Foram ouvidas 1.480 pessoas com 16 anos ou mais que consomem remédios.

O estudo, divulgado no início de 2014, aponta que a automedicação é praticada por 76,4% dos brasileiros. Salvador (96,2%), Recife (96%) e Manaus (92%) lideram o ranking. Na cidade de São Paulo, a taxa é de 83%.

Todo mundo sabe que o brasileiro consome muito remédio, indicado pela família, amigos e vizinhos, mas foi um choque saber dessa quantidade de pessoas que aumenta a dosagem, por conta própria, para potencializar o efeito, diz o diretor de pesquisa do ICTQ. As pessoas não fazem ideia do risco que correm ao se automedicar ou duplicar a dose de um remédio. É extremamente perigoso, por exemplo, a mãe dar para criança dois comprimidos de 750 mg de paracetamol no mesmo dia, ou as pessoas usarem muitas gotas de descongestionante nasal. O aumento na quantidade de medicamentos além da dose recomendada pode trazer vários problemas, como alergias, hemorragias e graves lesões no estômago e no fígado. Anti-inflamatórios, usados sem critério, podem causar contração das artérias, retenção de sódio e água (elevando pressão arterial) e sobrecarga no coração. Os sintomas de intoxicação medicamentosa por uso indevido de corticoide são relatos frequentes.



Os medicamentos são os principais agentes causadores de intoxicação no país, à frente até de agrotóxicos. Respondem por quase 30% dos registros, segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológica.

Em 2011, segundo os últimos dados disponíveis, foram 29.179 notificações, com 44 mortes. As crianças menores de cinco anos representam cerca de 35% dos casos de intoxicação.

“A mãe dá 30 gotinhas para abaixar a febre, depois dá mais 30 e a criança acaba no pronto-socorro”.

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) está coordenando um trabalho acadêmico sobre o tema e diz que é grande o vácuo de dados sobre as intoxicações. Nos EUA, analgésicos lideram a lista de drogas que mais intoxicam crianças, segundo estudo publicado no *Journal of Pediatrics*. Foram 453 mil crianças intoxicadas entre 2001 e 2008, com 66 mortes.

Na pesquisa, 61,4% dos que se automedicam dizem estar conscientes dos riscos, mas afirmam que

isso não é o bastante para detê-los.

O problema maior é cultural. O medicamento é banalizado, ninguém fala o quanto ele pode ser perigoso. Além das intoxicações, o mal uso de remédios pode mascarar sintomas e agravar doenças.

A pesquisa também aponta que o controle imposto pela Anvisa sobre determinados medicamentos já começa a surtir efeito. Apenas 8,2% das pessoas entrevistadas declararam consumir medicamentos tarja preta ou tarja vermelha (aqueles com retenção de receita). Em 2012, eram 20%.

Amostras grátis

As empresas farmacêuticas oferecem amostras aos médicos como uma forma de promover novos medicamentos. Um estudo recente confirmou que o método funciona.

Pesquisadores compararam as prescrições de medicamentos contra acne, feita em 2010, em um Hospital Universitário que proíbe a distribuição de amostras grátis com um banco de dados de prescrições feitas por dermatologistas em consultórios de todo o país. Entre as prescrições realizadas no Hospital Universitário, 17% eram de medicamentos contra acne para adultos com marca registrada. Esse número foi bem inferior aos 79% prescritos pelos consultórios particulares nos quais, geralmente, são distribuídas amostras.

Publicado online no periódico *JAMA Dermatology*, o estudo des-

cobriu que os médicos prescrevem os medicamentos com nome comercial quando recebem amostras mesmo que existam medicamentos genéricos idênticos. Os três medicamentos contra acne mais vendidos foram promovidos por meio de amostras grátis.

Usando os 20 medicamentos mais prescritos contra a acne de adultos, os pesquisadores calcularam que seu valor médio era de US\$ 465 em consultórios e US\$ 200 em Hospitais Universitários que não ofereciam amostras.

Alfred T. Lane, autor sênior do estudo e professor de dermatologia da Universidade Stanford, advertiu que “ao receber uma amostra, o paciente precisa conhecer outras opções e seu efeito direto sobre a qualidade e o valor do medicamento que estão recebendo”.

Vigilância sanitária eletrônica

Todos os dias, milhões de pessoas fazem pesquisas na internet sobre saúde. Bilhões e bilhões de registros sobre as buscas ficam gravados. Essa mina gigante de dados já é usada para detectar surtos de gripe e dengue. E, também, para descobrir efeitos colaterais imprevistos da interação entre remédios muito usados. Parece que nem toda vigilância eletrônica é do mal.

Um dos pioneiros nesse campo é Larry Brilliant. Trabalhando para a empresa Google, Inc. e usando o mecanismo de busca homônimo, ele e outros cinco pesquisadores demonstraram, em 2009, que era possível detectar sinais de uma epidemia de gripe só com base em informações extraídas de consultas no buscador. A demonstração de princípio saiu no periódico científico “Nature” (vol. 457, págs. 1.012-1.014).

O pessoal do Google obteve dados geográficos dos Centros de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos sobre consultas médicas relacionadas com sintomas de gripe. Em seguida, comparou com as buscas de computador nas mesmas áreas, sem identificar ninguém. Chegou-se assim a uma lista das 45 expressões mais correlacionadas com as estatísticas de atendimento. Com base nelas foi criado um modelo capaz de lançar alertas de possíveis surtos com pelo menos um dia de antecedência sobre o sistema tradicional de vigilância.

O modelo deu origem a um sistema automático, “Flu Trends” (www.google.org/flutrends), que hoje funciona em 29 países, inclusive Brasil. Outro serviço de alerta foi criado para dengue (www.google.org/denguetrends).

Virou moda. Para não ficar atrás, a Microsoft Research (braço de pesquisa da empresa de Bill Gates) lançou outra pergunta esperta: será que dá para descobrir, garimpando dados de buscas na rede, interações perigosas entre medicamentos, antes mesmo que sejam identificadas pela vigilância farmacológica?

A equipe de Eric Horvitz verificou que dá. Após vir a público que os remédios pravastatina (para reduzir colesterol) e paroxetina (anti-depressivo) podem provocar hiperglicemia, quando usados juntos, o grupo voltou aos registros das buscas anteriores ao anúncio para ver se conseguiria “prever” a associação.

Imaginado, dito e feito. Usando a incidência de buscas com expressões como “sede”, “aumento de apetite” e “micção frequente”, determinaram que elas estavam estatisticamente mais correlacionadas com buscas que envolviam ambos os nomes dos remédios do que com as buscas por só um deles.

Não é a primeira vez na história que a capacidade de agregar informações sobre comportamentos individuais abre todo um campo de conhecimento.

Alguém consegue imaginar a administração de um país, hoje, sem recurso à estatística? Não. Em alguns anos, o Brasil precisará também de um IBMDM (Instituto Brasileiro de Mineração de Dados em Massa), além do bom e velho IBGE.

Marcelo Leite escreveu esse artigo para a Folha de São Paulo.

O big data – o que é?

O uso de smartphone e seus sistemas de GPS e câmeras, facebook, pesquisas no Google com a sua localização geográfica, faz com que as pessoas deixem rastros sobre seus gostos e desejos: os lugares que frequenta, os pratos prediletos, os amigos com os quais conversa. O conjunto desse enorme volume de informações permite que empresas saibam o que um consumidor realmente quer com mais eficácia, do que ele mesmo poderia, na dúvida, informar. Andreas Weigend, esteve em São Paulo, no final de abril de 2014. Ele é especialista em “big data”, que é o conjunto de tecnologias que permitem coletar e analisar grandes volumes de dados e tentar tirar conclusões sobre o que esses dados revelam sobre a sua personalidade.

“Big data” é uma mentalidade, não é algo definido pelo volume de informações ou pelas ferramentas que você usa. O filósofo alemão Martin Heidegger afirmou que só se pensa sobre a função do machado quando ele quebra.

Com o “big data” é o mesmo: é a mentalidade que faz os dados e os pensamentos sobre eles desaparecerem e ficarem as consequências.

Pense como é o ar que respiramos, isto é, não se pensa nele no dia a dia, a não ser quando ele está ruim.

Alguns exemplos:

1) Um senhor A que vive em cima de um sex shop tem um amigo senhor B que o visita com frequência. O Google tem um sistema de geolocalização que, automaticamente, registra que o senhor B vai

muitas vezes nesse sex shop. Então pensa que o senhor B possa comprar essas coisas pela internet. E ele passa a receber anúncios desses produtos em sites da internet.

2) Todos os dias sou acordado pelo telefone pela manhã. Mas, o telefone tem um dispositivo app que permite tirar fotografias de comida e do vinho. O celular identifica muito melhor a relação entre as muitas taças no dia anterior e ter acordado tarde.

3) Nos sites de namoro os candidatos se descrevem e, automaticamente, estes selecionam as candidatas mais adequadas.

4) Sites de livrarias, quando o leitor procura determinado livro sobre um tema específico e, automaticamente, surge uma série de sugestões de outros livros antes que você se dê conta.

5) Sites de procura de emprego que identifica a atividade dos profissionais e onde existem as oportunidades que os recrutadores estão encaminhando, entre as empresas. Mas, há dois lados disso: os empresários têm agora poder para descobrir mais sobre os candidatos e, possivelmente, usar isso contra eles.

Não se pode deixar para o pessoal da tecnologia e esperar que eles façam a coisa certa. Essas são decisões fundamentais que não se pode delegar. No Brasil, foi aprovado no Congresso, o Marco Civil da Internet, que prevê que empresas do setor sejam obrigadas a guardar informações sobre os usuários. Isso é um risco real para localizar terroristas ou criminosos, mas, também se caírem em mãos erradas podem causar mortes por racismo, preconceito religioso ou político.

Médicos de branco

Você se importa com a aparência do seu médico? Para muita gente pode parecer algo sem importância, mas uma pesquisa realizada na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP concluiu que o tipo de roupa e os acessórios utilizados pelos médicos podem interferir na sua relação com os pacientes.

A pesquisa foi realizada por cinco alunos da FMRP, orientados pelo professor José Antonio Baddini Martínez, do Departamento de Clínica Médica. Durante um ano, eles coletaram opiniões de 509 pessoas, entre elas 259 pacientes, 99 médicos e 119 estudantes de medicina envolvidos em atividades no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP) da USP. O estudo avaliou as impressões causadas pelos médicos quando se vestem com diferentes estilos de roupas. Do mesmo modo, também investigou o grau de incômodo potencial percebido pelos voluntários no que se refere a diferentes adereços e acessórios de vestimenta utilizados por médicos ou médicas que, por ventura, os atendessem.

Para captar as opiniões, os pesquisadores utilizaram um painel de fotos em que dois médicos voluntários, “modelos”, exibiam diferentes estilos de vestimenta (roupa inteiramente branca, avental branco, avental social, formal, informal, casual e vestimenta utilizada em centro cirúrgico). Logo após, pediam que, com base nestas fotos, os participantes respondessem qual dos profissionais parecia: mais instruído e competente; mais responsável; mais preocupado com os pacientes e mais higiênico. Também perguntaram qual deles transmitia mais confiança no diagnóstico e no tratamento proposto e qual deles preferiria para uma consulta médica de rotina; uma consulta médica de urgência; conversar sobre

problemas psicológicos e conversar sobre problemas sexuais.

Completada a entrevista, o voluntário era orientado a assinalar em uma ficha “como se sentiria caso o médico ou a médica que



lhe atendessem usasse” um entre 20 itens relacionados com a aparência. Os itens avaliados, em ambos os sexos, foram: *shorts*, bermudas, *piercing* facial, anéis, muitos anéis, cabelos tingidos, cabelos tingidos com cor extravagante como verde ou vermelho, tênis, sandálias, uso de camiseta, mangas curtas e mangas longas. Os itens avaliados exclusivamente para os médicos foram: uso de brincos, barba, bigode, cabelos compridos, paletó, gravata, jeans e ausência de gravata. Itens avaliados apenas para as mulheres foram: uso de maquiagem carregada, brincos grandes, casaco social, cabelos soltos, vestido longo, blusa sem mangas, blusa comprida

e blusa mostrando a barriga. As respostas foram divididas em duas categorias: incomodado e não incomodado.

“Este é o primeiro estudo que abordou aspectos relativos a julgamentos de valor sobre o modo de se vestir e à aparência dos médicos feito no Brasil. Além disso, este é o primeiro realizado em nível mundial que também abordou as opiniões dos estudantes de Medicina sobre o tema”, destacam os autores.

Na dúvida, vista branco!

De um modo geral, os resultados indicaram que os pacientes preferem médicos e médicas que utilizam estilos mais conservadores de vestimenta, em especial roupa inteiramente branca e, em seguida, o avental branco. Observou-se que os uniformes profissionais geram maior grau de confiança e identificação. Além disso, médicos e estudantes de medicina também demonstraram preferência pelo branco e desconforto com aparências excessivamente informais.

“Nossos resultados sugerem que o uso de vestimenta totalmente branca é uma boa opção a ser adotada pelos médicos brasileiros, pois, além de agradar um número substancial de pacientes, traz maior conforto num País onde temperaturas elevadas ocorrem em boa parte do ano”, afirma o professor Baddini Martínez.

Melhor evitar...

Os estilos classificados como formal e casual não foram opções preferenciais de nenhum dos grupos, em nenhuma das situações propostas. No tocante aos acessórios, itens com grande grau de reprovação, para ambos os sexos, foram o uso de *shorts*, bermudas, muitos anéis, *piercing* facial, e cabelos de cor extravagante. Para as mulheres também foram reprovadas maquiagem carregada e blusas mostrando a barriga. Já para o sexo masculino, itens adicionais com reprovação foram uso de sandálias, cabelos compridos e brincos.

“De modo geral, tanto pacientes como médicos e estudantes, são muito conservadores no tocante ao que esperam da aparência de seus médicos” conclui o professor.

O artigo *Impressões de pacientes, médicos e estudantes de Medicina quanto à aparência dos médicos* foi publicado em outubro de 2013 na Revista da Associação Médica Brasileira.



**XIX JORNADA
CONE SUL DE
REUMATOLOGIA**

31 JULHO A 02 AGOSTO DE 2014



Propaganda de Deus

Publicidade Exterior é um site americano que traz atualizações de material de propaganda veiculada nos outdoors das ruas, nos ônibus, no metrô, etc, nas grandes cidades americanas, como Nova York, Los Angeles e San Francisco.

Já existe uma verdadeira “guerra” ideológica e religiosa entre ateus e cristãos. Agora, essa guerra religiosa ganhou mais um participante: os muçulmanos que decidiram aderir à Publicidade Exterior para divulgar sua fé muçulmana. Novas mensagens, além das que dizem que Jesus era um profeta do Islã, trazem frases como: “O Sagrado Alcorão: o testamento final,” “Islã: Você tem perguntas? Nós temos as respostas” e “Maomé: Misericórdia para a humanidade”.

Uma das mensagens é: “Amigos ateus, graças a Deus vocês estão errados”. Após isso, os “ateus de plantão” criaram uma resposta em outro espaço, tão grande quanto o primeiro, com a declaração: “Nossa, Deus não existe”.

Em função deste fato, o Círculo Islâmico, organização que divulga a fé muçulmana nas Américas, começou sua própria campanha “Por que seguir o Islã?”. Para isso, espalharam cerca de 60 outdoors pelos Estados Unidos com a mensagem “Encontre Jesus no Alcorão”. O outdoor exibe também um número de telefone e o endereço de um site onde os interessados poderão solicitar uma cópia gratuita do Alcorão para que possam “encontrar Jesus”, mas eles dão uma dica que está na terceira sura (capítulo), verso 45.

A entidade afirmou que essa iniciativa poderá se estender para os países da América do Sul em breve. Isso funciona?

Os judeus não participam dessas iniciativas porque não fazem proselitismo (não procuram novos adeptos) e os que querem se voltar para o judaísmo tem que enfrentar inúmeras dificuldades.

O acadêmico Fernando Gameleira tem um irmão que é Bispo da Igreja Anglicana, Dom Sebastião Armando Gameleira Soares, quem a seguir, fez breves reflexões sobre o tema Propaganda de Deus:

É incontestável que as igrejas e religiões sempre fizeram “propaganda” de si e de suas propostas. Diz-se até que a Igreja foi grande promotora de “marketing”, naturalmente com as técnicas dos tempos antigos. É claro que quem julga possuir um bom “produto”, no caso a mensagem do Evangelho, pretende compartilhar essa experiência com as pessoas tentando convencê-las. O problema começa quando se vai além do “marketing de proposta” para degradar-se ao “marketing de manipulação, o que temos visto acontecer, infelizmente, com igrejas e religiões, atualmente. Uma coisa é propor um caminho de vida, outra é manipular as pessoas com técnicas que envolvam pensamento truncado; uma coisa é propor um caminho de vida com toda convicção e usar técnicas de convencimento para tornar a mensagem atraente; outra coisa é manipular as pessoas através de técnicas contemporâneas de propaganda que, em muito se aproximam, de mecanismos de “lavagem cerebral”, inclusive, explorando necessidades e carências das pessoas. Hoje se fala de “religião de mercado”, quando igrejas e religiões se comportam como se estivessem lidando com um produto comercial. Sabemos como as igrejas no Brasil têm sido um coito de curandeirismo, charlatanismo e exploração da credulidade pública para enriquecimento.

Aulas modernas

Em quatro anos, as salas de aula das universidades estarão mais distantes do modelo “professor falando, alunos tomando nota” e mais próximas do universo tecnológico. É o que aposta um estudo divulgado pelo New Media Consortium, grupo americano que pesquisa tecnologias e tendências educacionais, feito com 53 pesquisadores de treze países, incluindo o Brasil.

O levantamento aponta tecnologias e práticas apoiadas nessas inovações que já estão transformando as universidades. O horizonte final do estudo é o ano de 2018. Invenções recentes, como as **impressoras 3D** e os **aces-sórios inteligentes**, ou wearables, gadgets para uso pessoal que podem monitorar sinais do organismo do usuário, devem servir de suporte para a aprendizagem. Simultaneamente, cursos de ensino a distância, já disseminados pelo mundo, vão se expandir e agregar novas tecnologias, como assistentes virtuais e redes sociais para aumentar a interatividade nas aulas.

A diretora do estudo, Samantha Becker,

afirma que os avanços tecnológicos pautarão as discussões do setor nos próximos cinco anos. “Na América Latina, algumas tecnologias, como a impressora 3D, podem demorar um pouco mais para chegar ao ensino superior. Assim mesmo, acreditamos que os educadores precisam tomar conhecimento dessas inovações para preparar estratégias de uso em sala de aula.”

Ao contrário do que possa parecer, os avanços não pretendem substituir o professor, ao menos na valiosa tarefa de ensinar, diz Becker. As chamadas salas de aula invertidas, por exemplo, são apontadas como tendência que deve chegar às universidades no ano que vem. Nesse modelo, o professor assume o papel de parceiro na aprendizagem e curador de conteúdos, enquanto o aluno pesquisa temas em casa: o tempo de sala de aula é usado para resolver problemas em conjunto, ampliando o aprendizado colaborativo, outra tendência apontada pelo estudo.

Becker reconhece que ainda há resistên-

cia por parte de alguns docentes às tendências apontadas por este estudo.

As tecnologias usadas para rastrear os hábitos dos usuários nas redes também são apontadas pela NMC como tendência para os próximos anos. Segundo o estudo, experiências recentes mostram que elas podem ajudar os professores a entender melhor a atividade on-line dos alunos e, com base nisso, modificar suas estratégias de aprendizagem e avaliação. Nesse contexto, os estudantes também produziram seus próprios conteúdos para serem usados nas aulas e, não apenas como produto final da aprendizagem, como é feito hoje.

“Estamos vendo uma mudança de padrões em que estudantes deixam de ser consumidores de conteúdo e passam a produzi-los. O ensino ganha muito com isso, pois quando os alunos incorporam em seu aprendizado ferramentas que eles já conhecem e estão habituados a usar, como aplicativos para tablets, eles sentem que participam do processo acadêmico.”

Copa e Desalento

Miguel Reale Junior

Nas Copas anteriores sempre existiu um entusiasmo positivo do povo brasileiro com a seleção nacional. Há, sem dúvida, uma atmosfera global de insegurança que conduz à angústia. Mas, essa está agravada no Brasil. Antes tinha-se medo da morte agora tem-se medo da vida, pois só se reconhece que não há controle sobre o que seja. Viver passou a constituir a adoção de modos de ser efêmeros, difundidos por celebridades vazias com o que cada qual se despersonaliza.

Fragiliza-se não somente o Estado, nação no mundo globalizado, mas, principalmente, os órgãos intermediários como a família, a escola, a igreja, o clube nos quais se vivia a solidariedade. Esse quadro de angústia difuso por coisa nenhuma se soma a indicação de males

distantes, mas identificáveis; a possibilidade do desastre ecológico, terrorismo, noticiados como se ocorressem na casa vizinha.

E o quadro brasileiro acentua mais a desesperança com a violência urbana, impotência policial, ausência de políticas sociais de inclusão cultural e de socialidade. Os donos do poder como sucedeu na Petrobrás instituíram a corrupção como forma de governar.

Espero, otimistamente, que a sensação de desalento se modifique no decorrer do evento.

Miguel Reale Junior, professor aposentado da Faculdade de Direito da USP. Foi ministro da Justiça governo FHC. Resumo de artigo do Jornal O Estado de São Paulo, 07/06/14.

Fora da Copa

Essa edição do Esculápio, realizada durante a Copa de 2014, não poderia deixar de trazer matérias sobre o tema.

O centro de Traumatologia do Esporte (CETE), da Universidade Federal de São Paulo fez um levantamento dos atletas convocados nas diversas seleções, que foram cortados de suas seleções nacionais por contusões. Os mais notórios foram o francês Ribery e o russo Shirokov, mas, no total foram 37 jogadores entre estes, que foram impedidos de jogar. Segundo os ortopedistas essas contusões têm relação direta com o esforço físico dos jogadores que terminaram os campeonatos na Europa para seu clube e já tiveram que fazer o preparo tático para a seleção do seu país, e têm menos a ver com faltas mais fortes. As fraturas de stress de dois jogadores na semana antes do início do Mundial têm a ver com o tempo escasso de recuperação dos atletas, com o desequilíbrio e a fadiga muscular que diminui a absorção do impacto sobre o osso deixando-o mais suscetível à fratura. E os músculos mais sensíveis ao descontrole, contrações e câimbras.

Exoesqueleto

Na abertura da Copa a ciência brasileira demonstrou o exoesqueleto ao mundo. Uma estrutura metálica que dá sustentação ao corpo e reage a comandos do cérebro, como andar e chutar, criada pelo neurocientista Miguel Nicolelis. O estudo iniciado em 2001 teve sua primeira exibição pública e gastou 23 milhões de dólares.

O grande avanço do exoesqueleto, além de permitir que uma pessoa que não consegue comandar os membros inferiores, por lesão na medula, consiga comandar um "robô" por sinais cerebrais, é enviar respostas táteis, para que a pessoa sinta que está andando.

Um brasileiro, portador de paralisia de mais da metade do corpo, realizou um chute com um exo, sob controle do cérebro e sentiu o chute.



CORA

CORA 2015



THIRD INTERNATIONAL CONGRESS ON
**CONTROVERSIES
IN RHEUMATOLOGY
& AUTOIMMUNITY**

SORRENTO, ITALY
12-14 MARCH, 2015